

Textos Teologismo e filosofia¹

Étienne Gilson
(trad. por Aida Hanania)

Quando, no final do século XI e começo do XII, os homens da Idade Média descobriram, pela segunda vez na história, a Lógica, embriagaram-se com o vinho do raciocínio formal e com a abstrata beleza de suas leis.

Daí sua tendência natural a tratar qualquer questão com método puramente lógico. Foi o que ocorreu com a Filosofia e - como era de esperar - também com a Teologia. A única diferença foi que não houve filósofos de porte para resistir a essa intromissão dos lógicos, ao passo que foram muitos os teólogos decididos a atalhar as incursões dos lógicos no campo da Teologia. De fato, praticamente nenhum dos grandes lógicos daquele tempo deixou de ser acusado ou inclusive condenado por heresia. Berengário foi condenado por haver tratado dialeticamente a transubstanciação. Roscelino de Compiègne e Abelardo, por sua interpretação dialética do mistério da Trindade. Contudo, o próprio Abelardo permanecia moderado neste ponto (pelo menos ele se considerava moderado e não se pode negar que uma de suas principais intenções quando começou a escrever sobre temas teológicos, era mostrar como se podia fazê-lo sem prejuízo da norma necessária da lógica ou da indiscutível autoridade da fé cristã. É uma pena que boa vontade e lógica não possam formar um filósofo nem um teólogo. Quando Abelardo morreu como velho e piedoso monge num mosteiro beneditino, sua doutrina continuava condenada pela Igreja. Em sua polêmica com São Bernardo de Claraval, havia sido este, e não Abelardo, o vencedor.

A história desta longa luta entre lógicos e teólogos, que durou mais de um século, não teria, para nós, maior interesse, se não fosse pelo fato de que a própria Filosofia viu-se rapidamente nela envolvida. Era natural que os professores de Lógica do século XII, que nunca haviam tratado de outros temas que não a Gramática e a Lógica e não sabiam distinguir Lógica de Filosofia, se denominassem filósofos.

Ora, teólogos não encontravam razões para se preocuparem com os erros cometidos pelos lógicos; se elas existiam, eles não as encontravam. A única coisa de que estavam conscientes, neste ponto, era de que os que ensinavam Lógica eram os mesmos a quem vulgarmente se chamava filósofos e de que esses homens pensavam que a Filosofia não era mais do que Lógica aplicada a questões filosóficas. Mas é claro que se se desse liberdade à Lógica para encetar a discussão de questões teológicas, o resultado inevitável seria a completa destruição da Teologia. Por sua profissão e época, não se podia esperar dos teólogos que vissem com mais clareza do que os próprios lógicos, o erro que implicava uma concepção puramente lógica da Filosofia. Como teólogos, sua tarefa não era salvar a Filosofia do logicismo, mas salvar a Humanidade da condenação eterna, por meio da fé e da graça. Qualquer obstáculo que se interpusesse, deveria ser removido sem contemplações, ainda que se tratasse da

¹. Textos clássicos para discussão no "XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura". São Paulo, 11-06-2013. O presente texto são as primeiras páginas do Cap. II da obra *The Unity of Philosophical Experience*. Em trad. cast.: *La unidad de la experiencia filosófica*, Madrid, Rialp, 1973.

própria Filosofia. Porém, indicar à Teologia o melhor caminho para se desembaraçar da Filosofia, era uma questão bem mais difícil.

O caminho "fácil" para solucionar a dificuldade era extirpar do entendimento humano a Filosofia e os problemas filosóficos. Onde quer que haja uma Teologia ou meramente uma fé, não faltam nunca teólogos crentes e extremamente zelosos que afirmem que as almas piedosas não necessitam de conhecimentos filosóficos e que a especulação filosófica é radicalmente incompatível com uma vida religiosa sincera.

Há, entre os partidários de tal atitude, alguns de mente mais primária, mas, há também pessoas muito inteligentes, cuja capacidade especulativa não é inferior a seu zelo religioso. A única diferença que há entre eles e os verdadeiros filósofos é que, em vez de usar sua razão em auxílio da Filosofia, dirigem sua habilidade natural contra esta.

Se considerarmos, por exemplo, a história do pensamento islâmico, Algazali nos oferece um exemplo cabal de tal atitude. Muitos anos antes de sua época, tinha havido, no Islão, uma violenta reação contra a introdução da dialética na Teologia. Os dois grupos espirituais, cuja incessante rivalidade ocupa a história inteira da Idade Média cristã, já são claramente discerníveis nos albores da história do pensamento islâmico. O Profeta, de acordo com a tradição, teria dito: "A primeira coisa que Deus criou foi o Pensamento ou Razão"² e alguns teólogos muçulmanos inferiram dessa afirmação que a especulação era um dos deveres dos fiéis. Um argumento paralelo a um texto similar nos escritos de Berengário de Tours.

Em contrapartida, para outros teólogos muçulmanos, "tudo o que passasse do ensino ético corrente era heresia..., porque a fé deve ser obediência e não... conhecimento"³; atitude análoga à de um numeroso grupo de teólogos cristãos posteriores.

Algazali foi o melhor expositor desta segunda atitude, porque estava brilhantemente dotado para a especulação que, por outro lado, detestava profundamente. Sua famosa *Destruição dos filósofos*, escrita por volta de 1090, constitui uma surpreendente confirmação da sentença aristotélica de que, mesmo para refutar a Filosofia, é necessário filosofar. Algazali foi capaz de voltar as armas de Aristóteles contra o próprio aristotelismo, tal como o haviam exposto Alfarabi e Avicena. O fato de que estivesse influenciado por um comentador cristão de Aristóteles, João Philoponus, explica seu assentimento substancial às críticas que teólogos cristãos posteriores fizeram a Aristóteles. Isto, porém, extrapola nosso tema. O único ponto que nos interessa aqui é a surpreendente semelhança entre estas duas atitudes e, mesmo, a identidade de seus resultados filosóficos. Usar a razão contra a razão em benefício da religião é em si uma atitude legítima e eventualmente, até nobre; mas quem a adota, deve estar preparado para afrontar as inevitáveis conseqüências.

Em primeiro lugar, quando a religião tenta se estabelecer sobre as ruínas da Filosofia, o normal é que surja um filósofo decidido a fundar a Filosofia sobre as ruínas da religião. Depois de um Algazali, freqüentemente aparece um Averróes, que contesta a *Destruição*, com uma *Destruição da destruição*, como de fato aconteceu com o livro, publicado por Averróes, com este título. Tais apologias da Filosofia, por mais sugestivas que sejam em suas oposições à Teologia, normalmente destroem a religião.

Em segundo lugar, com estes conflitos, a Filosofia ganha tão pouco como a própria religião, porque a maneira mais fácil de os teólogos garantirem seu ofício, é

² Cit. por T. J. de Boer, *The History of Philosophy in Islam*, trad. E. R. Jones, Londres, 1933, p. 43.

³ *Ibidem*.

demonstrar que a Filosofia não pode alcançar com a razão, conclusões válidas sobre questão alguma referente à natureza e destino do homem. Daí, o ceticismo de Algazali em Filosofia; ceticismo que ele, como costuma acontecer, quis redimir com o misticismo religioso. O Deus que a razão não pode conhecer, pode ser captado pela experiência da alma; o mundo que a razão humana não pode compreender, pode ser transcendido e, como de fato aconteceu, sobrevoado pelo espírito de profecia. Não é necessário dizer que o filósofo enquanto tal, nada tem contra o misticismo; o que não lhe agrada é um misticismo que pressuponha como condição necessária, a destruição da Filosofia. Se a vida mística - como parece certo - é uma das necessidades permanentes da natureza humana, não só se deve respeitá-la, mas também protegê-la contra os freqüentes assaltos de inteligências superficiais.

Mas também é certo que o conhecimento filosófico é uma constante necessidade da razão humana, e que esta necessidade deve ser igualmente respeitada. O maior problema e, ao mesmo tempo, o mais importante de todos, é manter essas duas atividades espirituais que honram a natureza humana e dignificam a vida do homem. Nada se ganha com destruir uma para salvar a outra, porque ou se mantêm juntas, ou caem juntas. Sem uma Teologia, não há misticismo verdadeiro e toda Teologia sadia busca o suporte de uma Filosofia. Uma Filosofia que, afinal, não reserve lugar, à Teologia é uma Filosofia míope; e como qualificar uma Teologia, que não leve em conta, pelo menos a possibilidade da experiência mística?

O obscuro sentimento da necessidade destas relações tem levado freqüentemente os teólogos a tratar a especulação filosófica de um modo muito menos radical. Em vez de tentar aniquilá-la, desautorizando a palavra dos filósofos, alguns pensaram que era melhor dominá-la e, por assim dizer, domesticá-la, absorvendo-a na Teologia. Creio, contudo, que seria um erro encontrar neste fato pérfidas intenções. Quando os teólogos - seja qual for a doutrina particular de cada um - tentam refazer a Filosofia para acomodá-la a suas próprias crenças, o que os move a isso é a sincera convicção de que a Filosofia é uma coisa excelente, tão excelente que seria uma vergonha deixá-la morrer.

Por outro lado, se a verdade revelada é por hipótese, verdade absoluta, não resta outro caminho para salvar a Filosofia, senão mostrar que seus ensinamentos se identificam substancialmente com as da religião revelada. Os diversos sistemas a que esta atitude deu lugar, têm sido quase sempre sublimes e impressionantes, às vezes profundos, e, muito raramente, irrelevantes. Freqüentemente, foram fonte de progresso filosófico devido à seriedade de sua intenção e a sua audácia para defrontar-se com os mais altos problemas da Metafísica. Têm jeito de Filosofia, expressam-se como Filosofia e, às vezes, são estudados nas escolas como Filosofia; mas, de fato, não passam de teologias disfarçadas de Filosofia. Chamemos a tal atitude "teologismo" e vejamos como atua.

Por mais diversas que estas doutrinas possam ser de acordo com as diferentes épocas, lugares e civilizações em que foram concebidas, sempre, no final de contas, se assemelham, pois todas estão intoxicadas por um determinado sentimento religioso que chamarei singelamente: sentimento da Glória de Deus. Sem dúvida, não existe verdadeira religião sem este sentimento: é o mais profundo e o que há de melhor nela. Mas uma coisa é experimentar profundamente certo sentimento e outra, permitir-lhe que, sem controle da razão dê uma interpretação completa do mundo. Sempre que se permitiu à piedade entrar no campo da Filosofia, o resultado foi que teólogos piós, para enaltecer mais a glória de Deus, investiram contra a própria criação divina. Deus é grande, alto, onipotente. Que melhor prova pode-se dar destas verdades do que mostrar que a natureza e a humanidade são criaturas insignificantes, vis e totalmente

desprovidas de poder? Mas, este método é muito perigoso, porque seu desenvolvimento prejudica igualmente a Filosofia e a religião.

Nesse caso, a seqüência de teses costuma ser, com demasiada freqüência, a seguinte: alguns teólogos, com a melhor intenção do mundo, dão por verdade filosoficamente estabelecida que Deus é e faz tudo, enquanto a natureza e o homem nada são e nada fazem; surge, então, um filósofo que leva a sério à demonstração feita pelo teólogo da impotência da Natureza e exacerba, ainda mais, tal debilidade, para demonstrar que existe Deus. E, assim, chega-se, logicamente, à conclusão de que a natureza está desprovida por completo de realidade e de inteligibilidade. E, neste caso, o ceticismo é inevitável.

Ora, alguém pode conviver com o ceticismo filosófico, enquanto esteja respaldado por uma fé religiosa positiva. Porém, se essa fé desaparece, que nos resta senão um ceticismo absoluto?

Recebido para publicação em 02-02-13; aceito em 10-03-13